

Adília Fernandes

Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória
Universidade do Porto

ORCID: 0000-0002-9246-7745

adiliabfernandes@gmail.com

As minas de ferro na história de Torre de Moncorvo

The iron mines in the history of Torre de Moncorvo

Resumo: Torre de Moncorvo apresenta uma paisagem e uma história marcadas pela existência do minério de ferro, com maior concentração na Serra do Roboredo. Testemunhos dessa existência são os vestígios da mineração e da metalurgia do ferro, topónimos relacionados, segundo alguns autores, com a presença de ferreiros e com a sua divindade protetora, o corvo, ou as capelas com invocações mineiras e construídas sobre escórias. O horizonte histórico da exploração do ferro em Torre de Moncorvo conhece o ocaso no final do séc. XX, com a extinção do *Iron Ore Project of Moncorvo*. Seguiram-se o encerramento da Siderurgia Nacional e as solicitações do governo para a integração de Portugal na Comunidade Europeia. Pelo tempo que medeia o princípio e o fim da atividade mineira em Torre de Moncorvo, perpassa a vivência multigeracional, a valorização cultural e cognitiva das questões metalúrgicas, o desenvolvimento de tecnologias. Após longo período de inatividade, perspectiva-se a reativação das minas.

Palavras-chave: minas de ferro, indústria mineira, Torre de Moncorvo, Serra do Roboredo, história.

Abstract: Torre de Moncorvo presents a landscape and a history marked by the mining of iron ore, of which the highest concentration is in the Roboredo Sierra. Its vestiges can be seen in the toponyms (according to some authors) related to the presence of blacksmiths and their protective deity, the crow, as well as the chapels with mining invocations constructed from slag. Torre de Moncorvo's mining history ends at the end of the 20th century, with the extinction of its' *Iron Ore Project*. This was followed by the closure of the National Steelworks and the government's requests for the integration of Portugal into the European Community. For the period between the beginning and end of mining activities in Torre de Moncorvo, the multigenerational experience permeates the cultural and cognitive appreciation of metallurgical issues and the development of technologies. After a long period of inactivity, the prospect of reactivating the mines is expected.

Keywords: iron mines, mining industry, Torre de Moncorvo, Roboredo Sierra, history.

Introdução

Torre de Moncorvo, concelho do distrito de Bragança, concelho do nordeste transmontano, situa-se na confluência dos rios Sabor e Douro. Estes elementos, a par da Serra do Roboredo e do Vale da Vilarica, marcaram profundamente a sua paisagem e a sua história. A Serra do Roboredo, que se eleva ao sul da vila de Moncorvo, liga-se à existência do minério de ferro (com predominância de hematites e magnetites). Sobressai, na região transmontana, a mais rica do país neste aspeto, como o local da sua maior concentração, especialmente, nos relevos do extremo noroeste da serra, os cabeços da Carvalhosa e da Mua. Os testemunhos dessa existência são os vestígios da exploração e transformação do minério na paisagem, topónimos, como o próprio topónimo Moncorvo, relacionado, segundo alguns autores, como Estrabão, com a presença de ferreiros e com a sua divindade protetora, o corvo, ou Roboredo, palavra cuja origem os filólogos atribuem ao termo latino *rubor*, com o significado de vermelhidão (o ferro risca vermelho). Os nomes das várias povoações que apareceram em redor da serra, como Vale de Ferreiros, Felgar, Felgueiras, Escoural remetem-nos, do mesmo modo, para essa presença. Também as capelas com invocações mineiras e construídas sobre os depósitos da laboração das ferrarias, ou escória, como as de Santa Bárbara, nas freguesias de Carviçais e do Felgar, correspondem a uma importante marca¹. Na fachada da igreja matriz de Moncorvo, monumento do século XVI, está uma das mais antigas imagens de Santa Bárbara do concelho, reafirmando o seu importante culto nesta região mineira e metalúrgica.

Juntamente com os lugares de transformação do ferro há indícios de pequenas oficinas de ferreiros, comprovada pelos achados de ferramentas e instrumentos mineiros. Em 1983, a propósito da construção de uma barragem para abastecimento de água à vila de Torre de Moncorvo, remoções de terra em Vale de Ferreiros, revelaram estruturas romanas, que jaziam sob escória de ferro misturada com terras com mais de cinco metros de altura. O material recolhido é idêntico ao de outros locais existentes na zona envolvente, ilustrando a dinâmica dos povoados, entre a atividade agrícola e a mineira. Articula-se,

¹ Encontram-se habitações edificadas sobre algumas das elevações resultantes da acumulação de ferrarias. As mais elevadas pertencem ao Souto da Velha, povoação anexa à freguesia do Felgar. Cf. A.V. Rodrigues e M. da A. Carqueja Rodrigues, *Felgar*, Coimbra 2006, p. 270. A capela de Santa Bárbara do Felgar, que pode ter sido erigida no século XVII e mais tarde restaurada, assenta sobre um monte de escórias cujos estudos as situam num tempo anterior. *Ibidem*, pp. 265 e 267. Lê-se, em uma obra de Ezequiel de Campos: “[os] primitivos habitantes de Trás-os-Montes extraíram muito ferro dos minérios de Moncorvo [...], como mostram as escavações que deixaram no chão e os montes de escórias: tão grande o de Carviçais que sobre ele depois fizeram uma capela”. Cf. E. de Campos, *O problema actual da siderurgia portuguesa*, Porto 1956, p. 5.

com esse material, um conjunto de epígrafes funerárias, reveladoras da deslocação de imigrantes².

Testemunhos atuais dos trabalhos nas minas são a “linha férrea do Sabor”, desativada nos anos 70 do século XX, a estrada nacional 220 e o Carvalhal, povoado de desenvolvimento recente, que beneficiou da proximidade e funcionamento das minas e daquelas vias de comunicação. Visíveis, ainda, numa área encostada à serra, estão as edificações que albergavam os trabalhadores e os técnicos mais qualificados, tal como na freguesia do Felgar se localiza o chamado Bairro dos Alemães, formado por pequenas habitações. Na passagem do século XIX para o XX, o convento de S. Francisco, fundado no século XVI e vendido em hasta pública após a extinção das ordens religiosas, em 1834, acomodou os quadros superiores, um laboratório e gabinetes de estudo e desenho³.

Alojar condignamente as “levas” de pessoal que chegavam de todos os lados – da região da Beira, do Douro, Minho e, mesmo, do Alentejo, para além do das aldeias vizinhas, porque nas minas se auferia o dobro do salário pago na agricultura – não se revelou como uma preocupação das empresas. Para os anos 50, os barracões ou casernas destinavam-se aos trabalhadores sem família, ou ao pessoal mais qualificado. Se as mulheres e os filhos se juntavam enfrentavam condições “paupérrimas, degradantes”, tudo servindo para habitação, “até os pombais”. Por estas razões, não proliferam as antigas instalações para os mineiros, em número que ascendeu os 1700 em 1953, mantendo-se sempre aproximado. Na década seguinte, muitos deles, por falta de pagamento dos salários, recorreram à emigração⁴.

Os dados disponíveis, para as épocas mais remotas, reportam-se aos estudos arqueológicos, a fonte primordial para se compreender a evolução da indústria metalúrgica e a sua importância na história, sendo de destacar o trabalho pioneiro de Adriano Vasco Rodrigues⁵. Identificou vestígios de fundição na Serra

² Cf. F. Sande Lemos, C.M. Braz Martins, “Mineração e metalurgia do ferro em Trás-os-Montes (norte de Portugal) na época romana”, in *Férvedes. Revista de Investigación*, 2011, n.º 7, pp. 242-253.

³ Cf. D. Folgado, “O Sagrado e o Profano num diálogo patrimonial. Reflexão inicial sobre instalações industriais em conjuntos monásticos”, in *Património. Estudos*, vol. 2, Lisboa 2002, pp. 104-108. No início do século XX, sobre as fundações do convento, foi construído um asilo para assistência aos pobres. No edifício da igreja funcionou uma fábrica de sabão. Cf. A. Fernandes, *De asylo a fundação. 100 anos de um viver solidário em Torre de Moncorvo*, Coimbra 2008.

⁴ Cf. *Museu do Ferro & da Região de Moncorvo. Estudos. Catálogo*, coord. J. Custódio, N. Rebanda, vol. I, Torre de Moncorvo 2002, pp. 125-126.

⁵ Adriano Vasco Rodrigues estagiou num campo de trabalhos arqueológicos na Alemanha, sob a direcção de Otto Kleemann, professor do Instituto de Pré-História e História Antiga da Universidade de Bona, na década de 60 do século XX. Trouxe para Portugal a chamada técnica tridimensional de escavação, ainda hoje utilizada nas intervenções arqueológicas. Cf. A.V. Rodrigues, “A técnica alemã de escavação arqueológica”, in *Revista Lucerna*, 1961, vol. 1, núms. 3-4, pp. 89-105.

do Roboredo, que situou na época romana. Uma vez que os fornos tinham de ser destruídos para se retirar o mineral, não foi encontrado nenhum intacto. Reconstituiu um forno com materiais usados então, revestido a barro, conseguindo-se a fundição de hematite e a produção de ferro.

Abordagem histórica

O horizonte histórico da mineração e metalurgia do ferro, em Torre de Moncorvo, remonta à segunda fase da Idade do Ferro, o período *La Tène*, cujo final foi difundido, entre nós, pelos romanos. Com eles, deu-se uma notável intensificação da atividade extrativa e da transformadora e a introdução de novas técnicas que ainda predominavam no século XVI. Descrevem-se algumas:

Uma exploração mineira na época romana, não pressupunha, como tão pouco anteriormente entre nós, um aproveitamento diário dos minerais possíveis [...] era acompanhada da construção de poços e galerias, às vezes de grande profundidade, empregando-se o fogo para abrandar os materiais encontrados e cunhas de madeira muito dura, que, de formas diversas e em grande quantidade, se introduziam de modo a que, ao ser vertida sobre elas a água, inchassem e produzissem o desprendimento dos materiais. Os poços e galerias eram normalmente, entre os romanos, rectangulares e às vezes redondos e elípticos. Em Portugal encontraram-se alguns redondos. Construíam-se, igualmente, com grande irregularidade, galerias de largura diferente, mas sempre bastante reduzida. [...] A sua profundidade não era, para as realizações modernas, extraordinária⁶.

Desde datas ancestrais que encontramos referências a esta região, em torno do ferro. A partir de D. Dinis, que em 1282 mandou fazer ferro nesta “terra”, os documentos régios mostram o cuidado dos monarcas pelas atividades que lhe respeitavam, concedendo regalias aos que nelas se ocupavam, como comprova o que se reporta ao reinado de D. Duarte, de 1436, ano em que promulga a Lei das Minas. Alude a uma pendência entre Torre de Moncorvo e Felgueiras, ocasionada pela nomeação de um habitante desta aldeia como “andador” para vigiar os presos. Querendo escusar-se ao cargo, alegou ter privilégios “que todollos moradores della que fizessem fero ou vivessem do officio de feraria que nom servjsem com nehnunos encargos de conçelho”⁷. O trabalho “de tirar ferro” foi contemplado, para Felgueiras, com uma carta de privilégio de D. Afonso V, em 1443, pela qual cada ferraria contava com um forno de redução de ferro e dez ou doze oficiais. No foral manuelino de Torre de Moncorvo, de 1512, estipulou-se a isenção de portagem das *massucas* (ferro em pastas ou lingotes) e dos objectos

⁶ Cf. M. Torres, “La península hispánica, provincia romana (218 a. C.). Instituciones económicas, sociales y político-administrativas”, in *España Romana. Historia de España*, dir. R. Menéndez Pidal, t. II, Madrid 1955, p. 334. Tradução nossa.

⁷ Cf. M. da A. Carqueja, *Documentos medievais de Torre de Moncorvo*, Torre de Moncorvo 2007, pp. 141-142.

derivados. Em 1549, João de Barros, quando descreve o percurso entre Torre de Moncorvo e Mós, diz que as mulheres, ao mesmo tempo que dobavam e fiavam, tangiam os foles com os pés, enquanto os maridos faziam o ferro. Na *Memoria da vila e lugares do seu termo*, de 1721, assinala-se a presença de ferreiros em Felgueiras e Felgar. Os seus produtos, feitos com o metal saído do Cabeço da Mua, proviam “quasi toda esta província”. Neste documento fala-se, ainda, de uma galeria do tempo dos mouros⁸. As *Memórias Paroquiais* do distrito de Bragança, de 1758, informam que na Serra do Roboredo “ha humas minas adonde se tirava antigamente pedra de que se fazia ferro e averá trinta annos que se deixou de fazer”⁹.

Entre o século I a. C. e o século XVIII, a região mineira de Moncorvo foi atravessada por três sistemas tecnológicos: ferrarias tradicionais, com saberes transmitidos de geração para geração, ferrarias de metalurgia biscainha e de metalurgia catalã. Os dois últimos tipos denunciam o contacto com o norte de Espanha e a importação de mecanismos inovadores e mais eficientes. Contou-se com mestres ferreiros vindos da Biscaia, região com uma importante indústria metalúrgica. O processo de fundição do ferro surgiu na Idade Moderna. Na Antiguidade e na Idade Média operava-se por redução do mineral, ou seja, a passagem de um óxido (hematite ou magnetite) à forma metálica e que originava abundantes escórias. Estas são o primeiro indício de exploração, uma vez que os fornos eram feitos de materiais perecíveis.

As ferrarias caracterizavam-se, todas, pelo uso dos baixos fornos de redução do metal e pela produção de barras. Fabricavam-se, a partir delas, bens para a faina agrícola, satisfazendo necessidades das comunidades locais e outras. Os ferreiros vendiam os seus produtos, ferramentas ou lingotes, no mercado da vila de Moncorvo. Apetrechos resultantes desta atividade preenchiam, igualmente, necessidades de âmbito militar. Este universo adequava-se ao papel de Moncorvo como produtor e distribuidor da armaria, em ferro e aço, no reinado de D. Manuel I¹⁰. Desde o século XV, e de acordo com a documentação, que se constata a existência de uma metalurgia artesanal nas mãos dos ferreiros das aldeias. Até finais de setecentos, este metal continuou a ser um bem raro, fruto das limitações de ordem tecnológica. O fim da atividade metalúrgica, no século XIX, obrigou à importação dos lingotes. Neste século, as tentativas

⁸ Biblioteca Nacional, Códice A-6-8, n.º 222, A. Veloso de Carvalho, *Memorias das noticias que El Rey Nosso Se.º se ordena se deam a Academia Real da Estória Portuguesa da Camera desta v.ª da Torre de Moncorvo e Lugares do seu termo*, 1721, Ms. Ler, ainda, C. d'Abreu, “Mineração e metalurgia em torno do jazigo de ferro de Torre de Moncorvo”, in 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular. Actas, Porto 1999, pp. 370-371; Museu do Ferro, op. cit., pp. 152-155.

⁹ J. Viriato Capela, R. Borrallheiro, H. Matos, C. Prada de Oliveira, *As freguesias do distrito de Bragança nas memórias paroquiais de 1758. Memórias, história e património*, Braga 2007, p. 593.

¹⁰ Cf. J. Custódio, “O ferro como património industrial de Moncorvo: história, mineração e indústria”, in *Moncorvo: da Tradição à Modernidade. Atas*, coord. F. de Sousa, Porto 2009, p. 202.